

REVISTA MARACANAN

Dossiê

O romance missionário-protestante *Candida*: autoria feminina e relações de gênero na obra de Mary Hoge Wardlaw (séc. XIX-XX)

The missionary-protestant novel Candida: female authorship and gender relations in the work of Mary Hoge Wardlaw (19th-20th century)

Sergio Willian de Castro Oliveira Filho*

Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Brasil

Recebido: 26 jul. 2018.

Aprovado: 22 set. 2018.



*Pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas; Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará; e, graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do Centro de Estudos em História Cultural das Religiões. (sergiowcofilho@gmail.com)
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6480177606677159>.

Resumo

Dentre os inúmeros escritos produzidos por missionários protestantes que trabalharam no Brasil durante o século XIX está um romance publicado nos Estados Unidos no ano de 1902 intitulado *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara*, o qual teve por autora a missionária presbiteriana Mary Hoge Wardlaw. Esta obra de caráter ficcional apontava como objetivo demonstrar aos seus leitores o processo de inserção do protestantismo na Província do Ceará na década de 1880. Não obstante, mais do que um relato de atuação missionária, o romance de Mrs. Wardlaw também se inseriu em um contexto de ampliação do espectro de atuação feminina no universo protestante norte-americano do fim do século XIX e princípio do século XX. Neste momento várias mulheres, através da ação missionária e da escrita (de memórias, cartas, romances, etc.) operaram determinado protagonismo feminino inserido em uma rede de relações assimétricas de gênero, atuando constantemente no campo de acomodações e astúcias. O presente artigo visa discutir, tendo por foco a obra de Mrs. Wardlaw, de que modo algumas missionárias protestantes em terras estrangeiras – por vezes negligenciadas em estudos acerca do protestantismo – atuaram e expuseram suas visões de mundo ao mesmo tempo em que estavam inseridas em um amplo e complexo jogo de relações de gênero, onde negociações e enfrentamentos nem sempre são de fácil percepção.

Palavras-chave: Missões Protestantes. Brasil. Romance. Protagonismo Feminino.

Abstract

Among the numerous writings produced by Protestant missionaries who worked in Brazil during the nineteenth century is a novel published in the United States in the year 1902 titled *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara*, which was written by the Presbyterian missionary Mary Hoge Wardlaw. This work of fictional character aimed to demonstrate to its readers the process of insertion of Protestantism in the Province of Ceará in the 1880s. Nevertheless, more than an account of missionary activity, Mrs. Wardlaw's novel was also inserted in a context of broadening the spectrum of female performance in the North American Protestant universe of the late nineteenth and early twentieth century. At this moment several women, through the missionary action and the writing (of memories, letters, novels, etc.) operated a certain feminine protagonism inserted in a network of asymmetric relations of gender, acting constantly in the field of accommodations and cunning. The present article aims to discuss, focusing on the novel of Mrs. Wardlaw, how some women Protestant missionaries in foreign lands - sometimes neglected in studies of Protestantism - acted and expounded their worldviews while they were embedded in a broad and complex set of gender relations, where negotiations and confrontations are not always easy to perceive.

Keywords: Protestant Missions. Brazil. Novel. Feminine Protagonisme.

Era uma quinta-feira de abril quando uma viúva norte-americana com seus 78 anos de idade tratou de ir ao fórum do condado onde morava. Fazia cerca de 15 anos que ela morava neste local e era relativamente conhecida, aparecendo vez por outra em notas de sociedades femininas cristãs publicadas por um periódico local. Estava acontecendo o registro dos eleitores para as eleições primárias dos Estados Unidos que ocorreriam em junho daquele ano.

Após terminar o que havia se proposto fazer no fórum a senhora retornaria para sua casa, talvez para escrever outra de suas poesias que suas amigas tanto gostavam. Entretanto uma queda nos degraus do prédio público a impediu de realizar seu intento. O acidente resultou em um ferimento na cabeça e um derrame que a levou ao *Victoria Hospital*. No dia seguinte a viúva juntar-se-ia ao seu marido que havia falecido há apenas três meses.¹

A descrição acima faz alusão à morte de uma mulher que fora missionária presbiteriana no Brasil nas duas últimas décadas do século XIX, chamada Mary Hoge Wardlaw. O falecimento ocorrera em Miami no dia 19 de abril de 1934, sendo noticiado pelo periódico local *Miami Daily News*.² Vários detalhes são relevantes a respeito do episódio: a viuvez recente de Mary Wardlaw, sua idade já avançada (78 anos) e em que consistia sua ida ao fórum de Dade County, isto é, registrar-se como sufragista para as eleições primárias.³

Desde 1920, a 19ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos da América havia estabelecido o direito de voto, em todos os Estados, aos cidadãos, independente do sexo. Tal direito ao sufrágio feminino, assim como em várias outras nações, fizera parte de uma longa e árdua luta que tivera início no século XIX e da qual participaram várias sociedades que militavam por direitos civis às mulheres. Paulatinamente, vários Estados norte-americanos estenderam às mulheres o direito ao voto nesse processo, até a ratificação da 19ª Emenda.

Apesar de nunca ter se postado, ou manifestado, como uma ativista política com relação às lutas sufragistas, Mrs. Wardlaw, através de atos talvez pouco perceptíveis para si mesma, fez parte de um conjunto de sujeitos femininos que com práticas cotidianas imiscuíram-se nesse imbricado jogo assimétrico das relações de gênero que convulsionou os Estados Unidos de fins do século XIX e princípio do XX.

Ao prestar uma homenagem póstuma à Mary Wardlaw em 1934, o então secretário executivo do *Committee of Foreign Missions* da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, Rev. Charles Darby Fulton, aludiria que a morte da missionária ocorrera quanto ela concretizava "*her duty as a citizen*".⁴ No mesmo texto, o Rev. Fulton elencaria uma série de elogios à sua homenageada, constituindo-a como uma espécie de modelo exemplar:

¹ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. *Estranho em terra estranha: Práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 241-242.

² *Miami Daily News and Metropolis*, Miami, 20 Apr. 1934, p. 4.

³ Daquela eleição, na qual Mary Wardlaw não conseguiu efetivar sua participação, o Partido Democrata do presidente Franklin Roosevelt conseguiu uma vitória significativa aumentando o número de seus membros na Câmara dos Deputados. A Flórida, inclusive, teve uma esmagadora vitória dos Democratas.

⁴ *The Presbyterian Survey*, v. 24, n. 7. Richmond, July 1934, p. 424.

Seu pastor diz dela "Minha homenagem a ela é dizer que ela foi uma das mais ferrenhas cristãs que eu já conheci. Sua fé e devoção a Cristo e seu evangelho foram supremos, inabaláveis, puros, amáveis [...]".

Sua compaixão era profunda, ela deixava de lado suas próprias dores para confortar aos outros: ela alegrou-se com aqueles que se alegraram, e chorou com aqueles que choraram. Por todo o mundo existem pessoas, muitas das quais nunca a viram pessoalmente, mas que cujas vidas foram iluminadas e abençoadas por suas cartas.

[...]

Ela permaneceu notavelmente forte até o fim.⁵

Tal aparato discursivo de um proeminente líder presbiteriano dirigido a uma missionária falecida nos conduz à discussão de um aspecto de extrema relevância: a relação religião e gênero. Coadunada à visão de Ursula King,⁶ acreditamos que religião e gênero não podem ser tratados como categorias análogas que existem de maneira independente, mas que, pelo contrário, são mutuamente interligadas uma a outra, de modo que as relações de gênero no caso do protestantismo, aqui trabalhado, estão profundamente arraigadas na experiência religiosa.

Nos últimos anos as pesquisas concernentes ao gênero ganharam considerável espaço no meio acadêmico e editorial brasileiro. Entretanto, segundo Jane de Almeida, a relação religião-gênero no Brasil, principalmente dentre os círculos relacionados à história do protestantismo, carece de maiores esforços, na medida em que o foco nesta historiografia ainda se encontra deveras voltado aos missionários e reverendos protestantes, postando, muito das vezes, à sombra destes suas esposas e demais missionárias solteiras que tiveram atuação no Brasil.⁷

Um dos motivos deste fenômeno está no fato de que grande parte da historiografia protestante brasileira ainda é composta de escritos confessionais, os quais enfocam as figuras dos chamados "pioneiros" e suas lutas e conquistas no estabelecimento de comunidades protestantes pelo país.

Além disso, apesar da existência de variados tipos documentais acerca da ação missionária protestante no Brasil no século XIX, a grande maioria das fontes (cartas, diários, relatórios, periódicos, fotografias) esboça como protagonistas as figuras masculinas de reverendos e missionários, e desta forma

Pouco se sabe sobre as mulheres que acompanhavam pais e maridos ministros a lugares distantes, tanto no seu país quanto no estrangeiro, para divulgar a doutrina de sua fé religiosa. Nas narrativas comumente destacam-se as realizações masculinas, principalmente porque deixaram registros e foram perpetuados pela iconografia da época, o que nem sempre aconteceu com as suas filhas e esposas.⁸

⁵ The Presbyterian Survey, v. 24, n. 7. Richmond, July 1934, p. 424. Tradução nossa.

⁶ KING, Ursula; BEATTIE, Tina (orgs.). *Gender, religion and diversity: cross-cultural perspectives*. London; New York: Continuum, 2005, p. 8.

⁷ ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo, SP; Campinas, SP: Universidade Metodista de São Paulo; Editores Associados, 2007, p. 25.

⁸ *Ibidem*, p. 27.

De certo modo, parte da documentação produzida por missionários protestantes do período faziam alusão às mulheres missionárias (especialmente as casadas com os reverendos missionários) como apêndices de seus esposos. Tal constructo narrativo teve por resultado, na interpretação de Maina Singh, em uma impressão de invisibilidade das missionárias casadas que foi sendo reproduzida na posterior interpretação das fontes.⁹ Isto é, muita ênfase foi dada pelos estudiosos do assunto (inclusive historiadores) aos missionários, reverendos, “chefes da missão”, enquanto que suas esposas, responsáveis por um árduo trabalho eram vistas, quando o eram, como meras apoiadoras.

Cabe ressaltar que tais missionárias casadas desempenhavam vários papéis: esposas, mães, evangelistas; para os quais havia a necessidade de cumprimento de obrigações matrimoniais e missionárias. De modo que, ao mesmo tempo em que administravam grande parte da estrutura doméstica também eram responsáveis por atividades da missão, tais como: escolas, dispensários, hospitais, visitas. Outro fator de relevância a este olhar de invisibilidade a tais sujeitos era que a grande parte não era remunerada pelos *Foreign Boards of Missions* por seu trabalho no campo missionário.

Felizmente tal quadro tem recebido a atenção de vários pesquisadores como no caso da própria Jane de Almeida na obra acima citada, na qual a mesma trabalha a atuação de mulheres presbiterianas no processo de letramento em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX e também nos esforços de Eliane Silva e suas investigações acerca da figura da missionária metodista Martha Watts e de outras mulheres que se dedicaram a projetos missionários e educacionais protestantes no mesmo período.

Ora, não se pode perder de vista que o trabalho historiográfico sobre as religiões não se constitui como uma fácil missão, na medida em que, ao mesmo tempo em que as religiões são moldadas pelo ser humano no decorrer da história, reciprocamente, as religiões também têm a capacidade de incidir transformações nos meios que as gestaram ou as absorveram. Concatenado a isto, juntamo-nos ao coro de Sandra Duarte de Souza em sua perspectiva sobre a religião: “A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse.”¹⁰

De modo que nossa análise historiográfica do romance missionário protestante *Candida*, publicado em 1902, de autoria da missionária Mary Hoge Wardlaw,¹¹ busca perceber tal escrito levando em consideração a noção de “protagonismo feminino” lançado por Jordán Arroyo:

Com a institucionalização do Cristianismo como religião oficial, as mulheres foram excluídas de posições de liderança dentro da Igreja, embora isso não tenha impedido que encontrassem espaços onde podiam exercer seu poder. A

⁹ SINGH, Maina Chawla. *Gender, religion, and "heathen lands": American missionary women in South Asia (1860s-1940s)*. New York; London: Garland Publishing, 2000, p. 78.

¹⁰ SOUZA, Sandra Duarte de (org.). *Gênero e Religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 8.

¹¹ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceará*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1902.

religião foi de fato um desses “espaços” que permitiram certo protagonismo feminino.¹²

Não se pode afirmar a existência de um protagonismo total nos escritos de Mary Wardlaw, ou qualquer outra escritora de romances protestantes do século XIX e início do XX, na medida em que por situarem-se em um contexto de relações assimétricas de gênero, nas quais a balança pendia para o masculino, tais mulheres operavam a partir de instrumentos inerentes destes jogos de poder, passando muitas das vezes a equivocada impressão de uma simples reprodução discursiva das visões de mundo dominantes no meio protestante majoritariamente masculino.

Quando nos referimos ao termo protagonismo, não o supomos como sinônimo de autonomia. Tal protagonismo em nossa percepção possui o significado de uma atuação ativa dos sujeitos, ainda que compartilhando repertórios culturais que denotam uma assimetria de relações, desta maneira, o protagonismo feminino aqui trabalhado atua constantemente no campo de acomodações e astúcias.

Constantemente, mulheres missionárias estadunidenses trabalhando em terras estrangeiras, fosse na América do Sul, na África, ou na Ásia, operavam seu cotidiano em um misto de cumplicidade e resistência aos paradigmas hierárquicos dominantes. Se por um lado, tais mulheres assumiam os papéis que lhes eram atribuídos de esposas e filhas obedientes e submissas, por outro, produziam discursos e práticas no campo missionário voltados à crítica da situação feminina em outras nações. No caso do Brasil, geralmente, havia grande empenho na denúncia à exorbitante sujeição feminina que postava as mulheres como seres inferiores e com pouca instrução no mundo das letras, o que era associado à ação da Igreja Católica.

Ao se trabalhar com a noção de gênero se faz necessário ao historiador a consciência das relações de poder historicamente constituídas entre os sexos, nas quais sobre as mulheres impuseram-se em diversas sociedades aspectos de dominação sexual. Isso porque, conforme Scott, “O gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”.¹³ No entanto, ao nos debruçarmos com maior atenção sobre o referido objeto de análise, percebemos que trabalhar sob a perspectiva de certo protagonismo feminino é algo possível e dotado de viabilidade histórica. Para tal é necessário levar em consideração, primeiramente, o papel historicamente construído e atribuído às mulheres ante a teologia protestante.

De modo análogo à teologia católica medieval, que postava em destaque a figura da virgem casta, submissa e inferior ao ser masculino, a teologia reformada de inícios da Idade Moderna forjou a preferência por uma mulher que seria recatada, porém não virgem e sim a

¹² JORDÁN ARROYO, María V. *Sonhar a história*: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León. Bauru, SP: EDUSC, 2011, p. 158.

¹³ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 88. Segundo Scott, a noção de gênero trata-se da organização da diferença sexual, a qual vai além dos aspectos físicos, vindo a incidir nas diferenças e conflitos sociais. Assim “o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder” e desta maneira necessita ser historicizado. In. SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n. 3, 1994, p. 13; 25.

esposa leal, também submissa ao homem, entretanto com um papel bem mais influente no interior do lar. Conforme a análise de Wiesner sobre os reformadores protestantes:

mulheres foram criadas por Deus e poderiam ser salvas por meio da fé; espiritualmente, mulheres e homens eram iguais. Em todos os outros aspectos, no entanto, as mulheres estavam subordinadas aos homens. [...] No entanto, o ideal de mutualidade no casamento não era um ideal de igualdade, e manuais de casamento protestante, guias de uso doméstico, e sermões sobre o casamento salientavam a importância da autoridade marital e da obediência da esposa.¹⁴

Isto é, a ideia do casamento no meio protestante pautava-se no mutualismo espiritual, onde homens e mulheres seriam iguais perante Deus, apesar de isso não significar uma igualdade social absoluta entre homens e mulheres, pois tal relação era embasada pelos teólogos protestantes nas passagens bíblicas que enfatizavam a submissão feminina aos maridos e o papel destes como cabeças do lar.

Em estudos sobre o *menu peuple* da França Moderna, Natalie Davis sugere que a ascensão da Reforma Protestante na França possibilitou uma espécie de mudança nas relações entre homens e mulheres, apesar de as mulheres não terem chegado a um grau de igualdade aos homens, pois ainda deveriam sujeitar-se ao sexo masculino ante a óptica reformada.¹⁵

Candida de Oliveira, heroína do romance de Mary Wardlaw, incorpora esse ideário da esposa amorosa, fiel e totalmente submissa ao seu marido. O capítulo que abre o romance é bastante significativo a esse respeito, pois trata justamente do casamento de *Candida* com Augusto de Oliveira. Na missa, mesmo não entendendo o sermão em latim, era um consolo para *Candida*: "lembrar que poderia ser uma boa e obediente esposa, entendendo ou não latim. Esposa! Sim, ela era a esposa de Augusto!"¹⁶ Ser uma "boa e obediente esposa" era o desejo de *Candida* no princípio da história, e a partir deste ponto de partida, Mary Wardlaw engendra em sua personagem central as características mais louváveis a uma mulher protestante. No desenvolvimento da narrativa, *Candida* passa por um processo de amadurecimento no papel de esposa e, posteriormente, de mãe, que é possibilitado por sua conversão ao protestantismo. Dedicada aos afazeres domésticos, postando o marido como objeto de devoção, submetendo-se às decisões de Augusto mesmo quando isso lhe causava extremo sofrimento, como quando o marido migra para o Norte do Império em busca de melhorar a condição financeira da família e a deixa no Ceará com a filha. São várias as passagens que mostram o enquadramento de *Candida* ao papel de esposa ideal, sendo o seu ápice quando da morte de Augusto, causada por uma doença adquirida nos seringais. Augusto conseguira regressar ao Ceará e no período em que permaneceu acamado, *Candida* prestou-lhe todos os cuidados:

¹⁴ WIESNER, Merry E. *Women and Gender in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 26-27. Tradução nossa.

¹⁵ Davis posta como representantes deste segmento, vários grupamentos sociais desprestigiados pelas elites da França dos séculos XVI-XVIII, tais como camponeses, artesãos, gráficos, operários, mendigos e mulheres. Cf.: DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

¹⁶ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida... Op. cit.*, p. 14. Tradução nossa.

Augusto permaneceu com Candida por vários meses. Não há palavras para descrever a alegria solene daquela época. "Eles se sentiam mais abençoados do que aflitos porque iriam se separar, pois eles se amavam", e estavam juntos. Ela desistiu de tudo para estar com ele. A casa ficou a cargo de Florinda. Christina ia todos os dias, mas Candida recusou sua oferta de ficar na casa; ela queria Augusto só para ela.¹⁷

Dito isso, voltamos ao questionamento já levantado: como perceber a existência de um protagonismo feminino em um meio tão moldado pela ideia da submissão da mulher ao homem? Ora, para tal é necessário levar em consideração que uma abordagem de gênero se pauta na análise da relação entre os gêneros. Assim, a pergunta mais adequada se torna: por quais mecanismos mulheres protestantes poderiam, a partir de suas relações assimétricas de poder, desenvolver "procedimentos e táticas que de formas sutis, revelavam suas astúcias"?¹⁸

Mrs. Wardlaw nascera Mary Swift Hoge, em Baltimore no ano de 1855, e era filha e irmã de reverendos presbiterianos. Casou-se aos 25 anos de idade com outro jovem Reverendo chamado De Lacey Wardlaw (também filho de um ministro presbiteriano). Um mês após o casamento, em agosto de 1880, o jovem casal partiu para o Brasil como missionários da Missão Presbiteriana do *Board of Nashville*.¹⁹

Após cerca de 21 anos no Brasil (dois anos em Pernambuco e o restante no Ceará), o casal retornou aos Estados Unidos juntamente com suas quatro filhas (todas nascidas no Brasil). Desta maneira, Mary Wardlaw encarnou em sua experiência todos os elementos louvados pela teologia protestante na figura feminina: mulher casada, submissa ao marido (deixou a pátria e seus familiares para acompanhar o esposo missionário), mãe dedicada e devota à obra missionária de sua igreja.

No entanto, a religião também foi o meio pelo qual Mary Wardlaw pôde expressar diversas de suas concepções de mundo através de um livro. Ou seja, foi justamente sob o amparo de sua experiência como mãe, esposa e missionária protestante dedicada, que Mary Wardlaw efetivou a escrita de um romance. Seu enredo é ambientado primordialmente na cidade de Fortaleza e tem como pano de fundo à trama a Província do Ceará na década de 1880 trazendo em suas páginas alusões diretas à abolição da escravidão no Ceará, à seca de 1888-1889, à migração de cearenses rumo às Províncias do Norte do Império e à Proclamação da República no Brasil.

¹⁷ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida...* Op. cit., p. 280. Tradução nossa.

¹⁸ SILVA, Eliane Moura. Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 14, 25-37, 2008, p. 33.

¹⁹ Viagens de jovens casais de missionários com destino ao campo missionário pouco tempo após o casamento era algo recorrente. Os *Boards* incentivavam e davam preferência ao envio de missionários casados para missões fora dos Estados Unidos. Deste modo era fato comum a viagem ocorrer poucos dias ou meses da realização do casamento, assim como era habitual o postulante a missionário recém-egresso do seminário realizar votos matrimoniais pouco tempo após sua formatura. A esse respeito Singh apresenta uma série de exemplos: "Adoniram Judson casou com Ann em fevereiro de 1812, e duas semanas depois partiram para Calcutá. George Dana Boardman, do Maine, casou com Sara Hall em julho de 1825 [...] 'No dia seguinte ao casamento eles deixaram Salem para embarcar'. Marie Regina casou em maio de 1834 [...] com Samuel Gobat [...] um mês depois eles partiram 'em meio a muitos prantos' para a Abissínia via Alexandria. Mary Jane Farnham casou em maio 1859 e partiu para a China em outubro do mesmo ano." SINGH, Maina Chawla. *Gender, religion, and...* Op. cit., p. 84. Tradução nossa.

O episódio inicial do romance, o casamento da protagonista, principia uma série de desavenças na família de Candida na medida em que Augusto era filho do Sr. Joaquim de Oliveira, membro da pequena comunidade protestante existente no Ceará. Por tal razão, as irmãs de Candida - Glória, Christina e Joanna - não aceitavam tal relacionamento, vindo a ter sérios desentendimentos com a protagonista do romance. Apesar de também não gostar dos protestantes, a comemoração do casamento fora organizada por Dona Theresa, tia de Candida, que cuidara dela e de suas irmãs após a mãe destas ter falecido. Entretanto, um presente de casamento iria modificar todo o curso da história das personagens. Tratava-se de um *Novo Testamento* dado por Joaquim de Oliveira ao jovem casal, e a leitura do mesmo, inicialmente, por parte de Augusto o fizera abdicar do catolicismo e adentrar na comunidade protestante em Fortaleza liderada pelos missionários americanos Mr. e Mrs. Cary.

O romance de Mary Wardlaw se apresentava a um público específico: estadunidenses que apoiavam o projeto missionário protestante nos diversos recantos do mundo. Não foi à toa que a publicação foi viabilizada através do *The Presbyterian Committee of Publication*, sediado em Richmond, principal centro presbiteriano do sul dos Estados Unidos no final do século XIX. Notavelmente, seu discurso coadunava-se com o de seus pares masculinos presbiterianos. Porém, o que está em jogo em nossa discussão é que, nesse caso, tal discurso a tem por autora. Isto é, *Candida* foi um dos meios pelos quais Mary Wardlaw efetivou a possibilidade de certo protagonismo feminino. Somado a isso é interessante notar que *Candida* é publicado em um contexto no qual eram desenvolvidas discussões que envolviam as questões de igualdade e justiça de gênero nos Estados Unidos, pois, como afirma Eliane Silva acerca deste tema: "Mulheres religiosas se tornaram ativamente engajadas em movimentos de reforma social, abolicionismo, sufragismo, educação e pregação. Antes de chegar aos palanques políticos, muitas fizeram suas primeiras atuações públicas nos púlpitos".²⁰

Mary Wardlaw, cujo desejo de participação como sufragista nas eleições de 1934 foi citado, vivenciou como missionária em um país majoritariamente católico romano, uma experiência extremamente ambígua, conforme analisa Eliane Silva, na medida em que:

As missionárias, assim como as mulheres europeias e norte-americanas brancas, desempenharam um papel ambíguo: eram membros de um gênero inferior dentro de uma raça superior. O resultado foi que reconheciam a opressão das mulheres, e simultaneamente, desenvolviam um sentido de superioridade devido à raça e nacionalidade.²¹

Apesar dessa constatação, seria extremamente precipitado afirmar que *Candida* configura-se como um texto destinado, por excelência, à reforma social e a um palanque político. Entretanto, não se pode destituir de tal escrito à possibilidade de percebê-lo como espaço privilegiado para a prática de um fazer-se ouvir feminino. Um primeiro apontamento a

²⁰ SILVA, Eliane Moura. Missionárias protestantes americanas (1870-1920): Gênero, cultura, história. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano III, n. 9, 21-40, jan. 2011, p. 25.

²¹ *Idem*. Viajantes e missionárias protestantes norte-americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX. In: DIETRICH, Ana Maria et al. *Viajantes, missionários e imigrantes: olhares sobre o Brasil*. Campinas, SP: Unicamp, 2013, p. 40.

respeito disso é a autoria feminina de uma obra com mais de trezentas páginas patrocinada pelo mais importante Comitê de Publicações da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Mary Hoge Wardlaw não foi a única mulher a publicar um livro sob os auspícios do *Committee of Richmond* à época. A partir de um levantamento realizado em um Index de livros publicados nos Estados Unidos em 1902, contabilizamos dez publicações do *Presbyterian Committee* de Richmond, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Livros publicados pelo *Presbyterian Committee of Publication* de Richmond no ano de 1902.

TÍTULO	AUTORIA
Candida, or, by a way she knew not: A story from Ceara	Mary Hoge Wardlaw
Calvin, Twisse and Edwards on the universal salvation of those dying in infancy	Rev. John W. Stagg
Sacred rhetoric: or, A course of lectures on preaching, delivered in the Union Theological Seminary of the General Assembly of the Presbyterian Church in the U.S., in Prince Edward, Va.	Rev. Robert Lewis Dabney
he threefold fellowship and the threefold assurance: an essay in two parts.	Rev. Benjamin Morgan Palmer
A wee lassie: or, A unique republic	May Anderson Hawkins
Sermons; apologetic, doctrinal and miscellaneous	Clement Read Vaughan
An ivy vine, and how it grew. [A story]	Annie E. Wilson
Dorris and her mountain home	Johana Spyri
New Testament conception of the discipline and his money	Edward I. Bosworth
Minutes of the General Assembly of the Presbyterian Church of the United States (Vol. XI)	-

Fonte: POTTER, M. E. (org.). *A cumulative index to the books of 1902*. Minneapolis: The H. W. Wilson Company, 1903.

Quatro dessas publicações possuíam autoria de mulheres, o que representa um número bastante expressivo se levarmos em consideração o universo proeminentemente masculino de escritores protestantes nos Estados Unidos do princípio do século XX. Cabe ressaltar, porém, que nesta relação existia uma clara distinção de estilos literários entre os escritos masculinos e femininos. Enquanto os autores homens publicaram obras voltadas para sermões ou discussões teológicas, as escritoras obtinham êxito na publicação de romances ou ficções voltadas ao público infanto-juvenil. Tal configuração coaduna-se com a formulação de papéis atribuída ao masculino e ao feminino por parte dos líderes protestantes norte-americanos do

século XIX, segundo a qual cabia às mulheres o papel fundamental de instrução doméstica dos filhos e que poderia ser ampliado para além dos limites do lar através do magistério.

É bastante significativa a utilização desse mecanismo por parte de Mary Wardlaw para a exposição de várias de suas visões de mundo. Igualmente, por ser um produto literário, como um espaço de elaboração de projetos, pois nesse contexto tal romance é “um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo com o que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real”.²²

Logicamente, grande parte dos constructos discursivos presentes em *Candida* alinhavam-se às aspirações do meio social que viabilizou a publicação do romance. Assim como, visavam alcançar determinado público leitor protestante norte-americano, operando, desta maneira, com os instrumentos simbólicos destes grupos, dos quais Mrs. Wardlaw fazia parte.

A autora de *Candida* partia conscientemente daquilo que Chartier denomina de “horizonte de expectativa” do público leitor.²³ Ou seja, havia de sua parte a tendência a um jogo entre as convenções literárias aceitas para seu tipo de texto e os repertórios culturais dos públicos cujos tais escritos eram endereçados. Porém, independente de tais apontamentos, é extremamente relevante que através de tais recursos Mary Hoge Wardlaw alcançou espaço em um meio majoritariamente masculino, que era o dos autores de obras de cunho protestante no início do século XX. Até a publicação de seu romance, a autora apenas havia conseguido ter publicadas algumas de suas cartas contendo *reports* ou pequenos contos que eram enviados, quando de sua estadia no Brasil, a periódicos protestantes estadunidenses.

Nos anos subsequentes à publicação de seu romance, Mary Wardlaw teria relevante participação em outras duas empreitadas missionárias: no primeiro decênio do século XX, nas montanhas do Kentucky, e na década de 1910, em Cuba. Nos anos 1920 e 1930, já com residência fixa em Dade County, Miami, Mrs. Wardlaw passou a exercer as funções de professora de espanhol de um clube de música para crianças.²⁴ Nesse período, presidia encontros da *Woman's Missionary Society* da Primeira Igreja Presbiteriana em Miami.²⁵ Além disso, foi membro de uma sociedade de mulheres escritoras americanas, criada em 1897, que tinha por ideal a publicização dos poemas, romances e demais escritos de autoria feminina. Tratava-se da *National League of American Pen Women*. A partir de então, Mary passou a ter seu nome citado em matérias do *Miami Metropolis*, por recitar ou ter suas poesias recitadas nos encontros desta sociedade.

²² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29.

²³ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 71. Tal conceito trabalhado por Chartier trata-se de uma elaboração de Hans Robert Jauss, e que permite afirmar, tomando de empréstimo Jean Marie Goulemont que: “cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos e que no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais”. CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 113.

²⁴ *The Miami Metropolis*, Seção Society and the Social Service, Miami, 16 set. 1919, p. 7.

²⁵ *Ibidem*, 16 jul. 1921, p. 7.

Para além da perspectiva biográfica de Mary Wardlaw, podemos descortinar também elementos internos ao seu romance que trazem à tona pinceladas de protagonismo feminino, mesmo que de maneira bastante incipiente. Tal descortinar se inicia pela personagem central do livro. No decorrer da trama, Candida de Oliveira revela ser possuidora de diversos elementos caros à moral cristã presbiteriana: humildade, descrença naquilo que Mary Wardlaw denominava de “superstições católicas” (mesmo antes de a personagem converter-se ao protestantismo), perfil de esposa submissa e dedicada aos afazeres domésticos, mãe que buscava instruir moralmente os filhos, figura incansavelmente laboriosa que além de exercer vários ofícios (passadeira, dona de casa, costureira, governanta). Após sua conversão, a personagem também passou a dedicar-se às atividades da missão protestante (dando apoio na classe infantil da escola dominical e realizando visitas evangelísticas a membros ou não da comunidade protestante).

Candida é apresentada como uma jovem mulher com poucas posses, filha de trabalhadores de uma fazenda do interior do Ceará (Baturité), que ao tornar-se órfã, juntamente com suas irmãs, fica sob os cuidados de uma tia viúva que morava em Fortaleza. Assim, a personalidade laboriosa da protagonista é lançada logo nas primeiras páginas, ao revelar que o casamento de Candida foi custeado por dias de árduo trabalho como passadeira de roupas. No entanto, apesar de a história apresentar uma Candida devota e apaixonada pelo seu esposo, logo esse quadro sofre uma reviravolta trágica, com uma série de episódios: a morte do primogênito do casal ainda infante; o nascimento da segunda filha, Estrella; a ida de Augusto a Manaus para trabalhar nos seringais; a morte de Augusto em proveniência de uma doença adquirida no Norte do Império; e, a grande seca que assolou a Província do Ceará, levando carestia à população. Desta forma, o romance apresenta ao leitor uma trama que enfoca as lutas de uma mulher sem muitos recursos financeiros, na maior parte da história distante do marido ou viúva, vivendo em um contexto de sérias dificuldades (seca e fome), mãe de uma criança, e que enfrenta grande perseguição e rejeição religiosa, inclusive de familiares, por conta de sua conversão ao protestantismo.

Mrs. Wardlaw apresenta, então, uma rede feminina de relações que são fundamentais à história. Seja a nível familiar, em seus relacionamentos com as irmãs, a tia, a filha, a sogra, a criada, as patroas; seja em suas relações com mulheres protestantes residentes em Fortaleza. No contexto religioso, a narrativa caminha para a conversão das parentas de Candida (suas três irmãs e sua tia) ao protestantismo. Além disso, a migração de Augusto para o norte do Império propiciara uma maior aproximação da personagem central do romance à Mrs. Cary, uma missionária estadunidense, esposa do Reverendo Cary (uma alusão direta à Mary Hoge Wardlaw e seu esposo De Lacey Wardlaw). Tal amizade com Mrs. Cary reforçou o desejo e esforços de Candida a respeito de sua instrução, conforme a personagem principal relataria a seu esposo, quando este retornou por um breve período ao Ceará:

Vou lhe contar um segredo. Estou estudando duro, duro! Eu não poderia ficar satisfeita em permanecer tão ignorante, e Estrella, também, algum dia. Quando você partiu eu comecei a estudar ‘Inglês sem professor’; e desde o retorno da

Sra. Cary ela me ensina Inglês duas vezes por semana. Ela também me ensina aritmética progressiva, e português estudo sozinha. Quero ir mais além, e quando chegar a hora de Estrella aprender, talvez eu possa ser sua professora por anos e anos!²⁶

Tal ênfase no desejo de instrução letrada em diversas áreas (português, inglês, aritmética) corroborava com a concepção presbiteriana de que o letramento era fundamental aos fiéis, fossem eles homens ou mulheres. Além disso, havia ainda uma motivação extra na dedicação de Candida aos estudos, que era o desejo de possibilitar à Estrella uma iniciação às letras nos seus primeiros anos de vida no interior do ambiente doméstico, o que a fazia trabalhar de dia e “*studying at night an ardor*”.²⁷

Não nos surpreende tais passagens do romance se tivermos em mente que um dos principais campos de atuação missionária presbiteriana era o da instrução com a abertura de diversas escolas pelos missionários e com uma ação majoritária de mulheres, casadas e solteiras, à frente de tais empreendimentos. Como no caso da própria Mary Hoge Wardlaw no Ceará. A autora ficou a frente da escola fundada em Fortaleza pela missão presbiteriana no ano de 1890, noticiando aos seus compatriotas acerca dos meses iniciais do funcionamento da escola, a qual atendia “Vinte e três estudantes, e três mais estão prometidos”.²⁸ Em seguida Mary exporia que:

Eu dedico de uma hora e meia a duas horas para a escola todos os dias [...] eu não vejo muita diferença entre ensinar os jovens norte-americanos e seus pequenos irmãos do Sul. Quando você considera a religião que os rodeia, e no qual alguns deles foram criados, você não imagina os muitos obstáculos que encontramos ao nosso trabalho; no entanto, em um mês já vimos melhorias.²⁹

Entretanto, uma passagem do romance de Mrs. Wardlaw é bastante significativa e vai além da perspectiva da instrução feminina como algo relevante para que as moças pudessem ser boas esposas letradas. Ante a viuvez de Candida e a carestia enfrentada pela população em decorrência da seca que abatera a Província do Ceará em 1888, uma carta de D. Clementina, mãe do falecido Augusto, propondo à Candida que a guarda de Estrella lhe fosse dada, suscitaria a indignação da personagem central da trama:

A remetente fez um apelo ao bom senso de Candida, ao seu altruísmo materno. Uma menina criada por uma mãe viúva, sem nenhum protetor do sexo masculino, teria pouca esperança de um futuro. Ela queria dizer que, mesmo ainda aos cinco anos de idade, Estrella teria pouca chance de conseguir um marido. Casamento e “um futuro” são termos sinônimos para a maioria das mulheres brasileiras.³⁰

Mais que o fato de se propor a uma dedicada mãe a abdicação de seu papel como guardiã, instrutora e mantenedora de sua prole, a indignação de Candida voltou-se para o

²⁶ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida... Op. cit.* p. 264. Tradução nossa.

²⁷ *Ibidem*, p. 274.

²⁸ *The Missionary: A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States*, Richmond, Publisher by Whittet & Shepperson, v. XXIII, Nov. 1890, p. 434. Tradução nossa.

²⁹ *Idem*. Tradução nossa.

³⁰ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida... Op. cit.*, p. 306-307. Tradução nossa.

argumento central elaborado por Dona Clementina, isto é: filha de uma viúva pobre, Estrella estaria inevitavelmente fadada a um futuro pouco promissor na medida em que dificilmente encontraria um bom casamento e não conseguiria um “male protector”.

Conjugam-se, então, o raciocínio de Mary Hoge e o de Candida, que a uma só voz rejeitam a ideia de o casamento ser sinônimo de futuro promissor.³¹ A própria viuvez de Candida era a prova de que poderia haver uma existência digna, mesmo sem um marido, tal como afirma a protagonista: “Como se eu sempre tivesse tido um marido comigo – pensou ela – que ‘protetor do sexo masculino’ eu tive?”.³² Candida sobrevivera à morte de seu esposo, e mesmo com a Província do Ceará em estado de extrema carestia, não deixava de prover o sustento de seu lar e a instrução de sua filha. Estrella poderia um dia vir a se casar, mas isso não era a preocupação primordial de sua mãe. A projeção de Candida do futuro de Estrella consistia em transformar aquela criança em uma mulher letrada.

Isto é, apesar de tratar-se de uma missionária casada, Mary Wardlaw fizera parte de um contexto no qual a dimensão que antes destinava o espaço público aos homens e o espaço privado às mulheres foi reconfigurado. A participação feminina massiva no movimento missionário do século XIX possibilitou que milhares de mulheres solteiras e casadas viajassem a diversos recônditos do mundo. E tais práticas:

Desafiam as imagens de confinamento, de representações tradicionais que as ligavam à terra, à família, às figuras dos modelos tradicionais. Se os discursos imperantes na época apelam para a dissimetria de vocabulários – aos homens os espaços públicos como essenciais ao caráter e a honra da masculinidade e às mulheres o lar e a família – muitas delas, diante das condições em que viveram, reinventaram os limites da domesticidade.³³

A personagem Mrs. Cary, espécie de Mary Wardlaw no espelho, concentra tais características de reinvenção dos limites da domesticidade, enquanto portadora de um papel que a lançava para fora da reclusão doméstica a que talvez estivesse fadada caso não fizesse parte do projeto missionário. Mrs. Cary não é a personagem principal do romance, sequer temos revelado qual seu primeiro nome. Porém, por toda a história, a missionária surge como figura de extrema relevância, mais até do que o próprio Rev. Cary, contribuindo decisivamente para o desenrolar dos acontecimentos mais marcantes. Ao mesmo tempo em que a Sra. Cary é apresentada ao leitor como leal companheira de seu esposo, sempre que possível acompanhando-o nas atividades religiosas, e como mãe amorosa e dedicada de duas crianças - Evangeline e Nellie -, ela também surge como uma mulher que constantemente exerce a atividade de missionária, visitando os lares de outros personagens ou até mesmo em ambientes públicos (passeio público, cemitério da cidade...).

³¹ Bakhtin ao analisar a estilística do romance destaca a capacidade heterodiscursiva de tal gênero literário, no qual em muitos casos a voz do autor e do herói do romance confundem-se e se tornam híbridas, revelando diversas intenções do autor. Cf.: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.

³² WARDLAW, Mary Hoge. *Candida... Op. cit.*, p. 307. Tradução nossa.

³³ SILVA, Eliane Moura. *Missionárias protestantes americanas... Op. cit.*, p. 37.

A conversão de Candida e a sua permanência como fiel da comunidade protestante claramente se dá com a forte atuação de Mrs. Cary, que além de aconselhá-la constantemente em seus dramas particulares (ausência do esposo, morte do primogênito, rejeição da família de Augusto e de suas próprias irmãs...), também se torna sua catequista e professora de inglês e aritmética. Tal proximidade gera um vigoroso vínculo de amizade entre as personagens.

O que ganha relevo aqui é que Mary Wardlaw fez uso da voz de sua personagem missionária para efetivar uma prática que não lhe era permitida no púlpito, ou seja, ministrar um sermão preñado de perspectivas teológicas da autora. Logicamente, este tipo de pregação diferenciava-se dos sermões convencionais por uma série de motivos: era escrito, seria absorvido de maneira silenciosa e particular por seus leitores e tinha uma característica multivocal. Mas, a despeito disso, possibilitou à Mrs. Wardlaw um espaço privilegiado e avalizado pelos líderes religiosos de explanação de ideias teológicas e apresentação de personagens femininas vigorosas e ativas.

No alvorecer do século XX, a ação de missionários em terras estrangeiras estava com pleno vigor, avançando em novos territórios e aumentando o número de *fellow-workers*. A criação e crescimento de sociedades missionárias femininas interdenominacionais foi de suma importância para esse cenário. Apoiadas por uma construção de papéis que postava as mulheres como responsáveis pelas suas “irmãs”, convertidas ou não, e crianças no campo missionário, tais sociedades missionárias cresceram exponencialmente, ultrapassando financeiramente e numericamente as tradicionais sociedades denominacionais administradas pelas lideranças eclesiásticas masculinas.³⁴

Uma apropriação dessa divisão de papéis entre homens e mulheres a respeito da prática missionária, forjou a base da propaganda das sociedades missionárias femininas. Isto é, cabia às mulheres “salvar as irmãs da opressão e levá-las pelo caminho da verdadeira religião e salvação”.³⁵ Mudança que transformou as missões em um polo de atração de muitas mulheres religiosas, na medida em que dava às missionárias, ou postulantes a tal, fossem casadas ou solteiras, a perspectiva de uma atuação muito mais efetiva do que seria possível em suas igrejas locais. E, quando falamos de participação efetiva, entendemos como Dana Robert, que a atuação direta de missionárias nos processos de conversão, instrução e assistência a mulheres e crianças, gerava uma ampliação substancial de poder de ação na rede de relações assimétricas de gênero existente nas comunidades protestantes dos Estados Unidos:

Missões ocuparam o lugar central no coração das mulheres porque elas forneceram oportunidades para liderança na igreja. Com seu foco em alcançar mulheres e crianças, sociedades missionárias femininas formaram um nicho vital

³⁴ Dana Robert afirma que em 1900, dos cerca de seis mil missionários estadunidenses em terras estrangeiras, 57% eram mulheres; e, que em 1916, elas já eram 62% no universo de vinte quatro mil missionários. ROBERT, Dana L. (org.). *Gospel Bearers, gender barriers: missionary women in the twentieth century*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002, p. 5.

³⁵ SILVA, Eliane Moura. Missionárias protestantes americanas... *Op. cit.*, p. 45.

e base de poder a partir do qual as mulheres poderiam participar no ministério leigo. [...] O século XX começou auspiciosamente para as mulheres missionárias protestantes.³⁶

A atuação missionária de Mrs. Wardlaw no Brasil e de Mrs. Cary em seu romance caminha nessa direção. Uma espécie de ministério leigo, subordinado ao líder da congregação (Mr. Wardlaw e Mr. Cary), mas com grande autonomia nos assuntos referentes às mulheres convertidas e potenciais alvos de conversão. Daí a naturalidade presente no romance acerca da atuação de Mrs. Cary no trabalho de proselitismo de Glória, irmã de Candida, mesmo em um momento de ausência de seu esposo, líder da igreja, que se encontrava na cidade de Mossoró em trabalho missionário.

Inserido nesse contexto, uma série de publicações foi lançada a fim de propagar e divulgar esse papel das missionárias em terras estrangeiras. Romances, contos e periódicos, dentre os quais, o *Woman's Work for Woman*, uma publicação mensal editada pela *Woman's Presbyterian Board of Missions* que ganhou bastante relevo e prestígio. Sociedades como esta possuíam um foro vitais no financiamento das missões estrangeiras e no envio de missionárias. Por sua vez, as missionárias reportavam relatos acerca da atuação direcionada às mulheres e crianças. Mary Hoge Wardlaw constantemente tinha seus *Reports* publicados no periódico presbiteriano *The Missionary*.

Em 1895, publicou-se em tal periódico uma extensa correspondência de Mrs. Wardlaw, escrita pela missionária durante uma de suas estadias na cidade cearense de Baturité. Percebe-se, pelo teor da carta, que ela se direcionava para as leitoras interessadas em missões. Mary Hoge inicia seu texto aludindo a uma carta recebida por uma jovem moça estadunidense que em poucos dias partiria como missionária para o Japão. Em seguida, descreve outra correspondência proveniente do Congo e enviada por outra missionária. No mesmo texto, Mary Wardlaw faria alusões à constante troca de correspondências com outras missionárias no Brasil e em outros pontos do mundo. No entanto, o objetivo principal do *report* é demonstrar o uso feito pela autora de *Candida* das cartas recebidas, que era a leitura das mesmas para as mulheres da congregação presbiteriana no Ceará nas reuniões de uma Sociedade Feminina:

Há uma sociedade feminina em nossa igreja. O seu objetivo é estreitar as relações entre todas nós. Se alguém está doente e incapaz de trabalhar (todas elas são pobres), as contribuições no Fundo fornecerão alimentos e medicamentos. Todas estão prontas para se revezar em cuidados de enfermagem ou para confortar a paciente. Não há um valor fixo; Cada uma traz o que pode. Temos chá e biscoitos ou pão e manteiga a partir dos fundos da sociedade, pois as mulheres percorrem um longo caminho sobre a areia quente. Um copo da bebida, se bem feita, ajuda a atrair as mulheres, e de levá-las para casa também, depois que ele é tomado, de modo que ajuda no rendimento das relações sociais. Temos uma oração, cantamos hinos e falamos sobre o nosso trabalho. [...]

Em um dos encontros traduzi para elas grandes extratos da minha carta vinda da África. Como nós contribuimos regularmente com o trabalho no Congo, relatos do campo, muitas vezes tinham sido comunicados a elas; mas eu falei sobre o assunto novamente [...] Estou certa de que o interesse delas pelo

³⁶ ROBERT, Dana L. (org.). *Gospel Bearers, gender... Op. cit.*, p. 5. Tradução nossa.

campo foi estimulada, e todas se juntaram com fervor na oração pela escritora da carta.³⁷

Alguns pontos do relato coadunam-se com o que foi dito até o momento. Um deles é o fato de a distribuição de papéis às missionárias que se encarregariam do trato das suas “irmãs” ter forjado um ativismo religioso que propiciou uma atuação bastante autônoma em alguns pontos. Por exemplo, na formação de sociedades de mulheres. Em tais sociedades, como a da Igreja Presbiteriana de Fortaleza, criou-se um espaço para a consecução de um ministério leigo feminino, composto por leituras da bíblia, de livros considerados edificantes, de cartas de outras missionárias, por orações e por aconselhamentos.

Mary Louise Wardlaw (também chamada de Eloise), terceira filha de De Lacey e Mary Hoge, contando com dez anos de idade, em uma carta publicada na “*Children’s Column*” do *North Carolina Presbyterian*, faria menção à mesma sociedade apontando sua participação e de suas irmãs:

Nós temos uma Sociedade Samaritana. Que se reúne duas vezes ao mês. Minha irmã mais velha era a tesoureira, minha mãe era a presidente e uma jovem garota, membro da igreja, era a secretária, mas todas elas renunciaram e minha irmã agora é a secretária. Dona Anna é a presidente e Dona Raymunda é a tesoureira. Eu tenho três irmãs, Virginia tem quinze anos, Blanche está com treze, eu tenho dez e Carrie tem cinco. Semana passada nós tivemos um encontro e hoje nos encontraremos novamente porque um membro queria que a reunião ocorresse em sua casa, pois ela está indo embora. Até logo. De sua amiga. Eloise Wardlaw. Ceará, Brasil.³⁸

O mutualismo é um ponto bastante relevante aqui, incluso o próprio nome dado à sociedade por Eloise Wardlaw, “*Samaritan Society*”. Constituía-se, assim, uma correlação ao Bom Samaritano, aquele que sem pretensões de recompensa assiste aos necessitados. O auxílio mútuo, com a criação de um fundo para amparo das mulheres da congregação, faz parte de uma prática que visava atingir muitas mulheres em situação similar à personagem Candida Oliveira. Isto é, mulheres pobres sem “*a male protector*”. Na continuação de sua correspondência ao *The Missionary*, Mrs. Wardlaw faz menção a um dos motivos da criação da sociedade feminina: o auxílio prestado a uma família totalmente composta por mulheres lavadeiras e passadeiras, uma viúva e três filhas, que passou por grande dificuldade financeira, quando a mãe adoeceu.³⁹ Temas relacionados a este episódio apareceriam anos depois em seu romance: viuvez, dificuldades financeiras, mulheres administrando os lares com trabalhos no âmbito público.

Desse modo, tanto as missões como a escrita acerca da missão, serviram de espaços propícios ao que denominamos aqui de protagonismo feminino. No caso específico dos romances protestantes, por mais que relegados a um plano abaixo dos grandes tratados teológicos, e assim tendo espaço para a autoria feminina, percebe-se que a apropriação de tal

³⁷ *The Missionary*, Richmond, v. XXVIII, n. 11, Nov. 1895, p. 518-519. Tradução nossa.

³⁸ *North Carolina Presbyterian*, ‘Children’s Column’, Fayetteville, 29 oct. 1896. Tradução nossa.

³⁹ “In our church in Ceara there is a family consisting of a Widow and three daughters, all of whom are communicants. The mother and one daughter are washerwomen, the other two are ironers”. *The Missionary*, Richmond, v. XXVIII, n. 11, nov. 1895, p. 520.

distribuição de papeis de gênero, serviu justamente como local de manifestação de posições e visões de mundo por parte das autoras, cabendo salientar que muitos desses romances alcançaram um público leitor maior que outros gêneros literários, onde grande parte destes leitores também eram mulheres.

De certa forma, a ampliação de mulheres enquanto escritoras nos Estados Unidos nos oitocentos desenvolveu um fenômeno de aumento do espectro de atuação feminina no âmbito público, mesmo diante das severas resistências. As *Domestic Novels*, pesquisadas por Helen Papashvily, a uma primeira vista, inocentes e despretensiosas, traziam em seu bojo vigorosas denúncias de abusos e maus tratos às mulheres da parte de maridos, pais, noivos. Seus temas tratavam discretamente desde cerceamento à participação social da mulher nas esferas públicas, estudar e trabalhar, até as violências físicas e psicológicas. Incluindo até tramas envolvendo embusteiros/sedutores que roubavam as riquezas das famílias das protagonistas.⁴⁰

Mas, além disso, muitas das personagens construídas pelas autoras destes “romances domésticos”, de modo similar ao romance missionário-protestante de Mary Hoge Wardlaw, possuíam voz e expressavam suas visões de mundo. Isto era algo que ia de encontro a uma premissa que durante muito tempo se tentou sustentar por diversas autoridades eclesiásticas protestantes: às mulheres o silêncio. De modo que, mesmo abalizado por editores ou casas publicadoras gerenciadas pelas denominações dirigidas por homens, obras como *Candida*, romperam tal silêncio: “O ‘silêncio’ foi quebrado por um coro de vozes femininas, explicando e interpretando os mistérios divinos”.⁴¹

Mary Wardlaw, além de escritora também era leitora de obras ficcionais, e como tal escreveu sua obra com intenções militantes quanto àquilo que acreditava ser uma missão divina que cumprira no Brasil por vinte anos. E, cuja continuidade se dava através de seu romance, após seu retorno aos Estados Unidos. Minimamente conhecedora deste universo de leitores de tais obras, formado majoritariamente por mulheres, Mrs. Wardlaw seguiu uma tendência comum a outras obras do mesmo gênero quanto à construção de seus protagonistas, traçando percursos femininos em suas mais de trezentas páginas. Mas apesar da temática central de seu romance circundar em torno das conversões e do crescimento de uma comunidade protestante em um país de maioria católica, personagens como *Candida*, Florinda, Estrella, Theresa, Glória, Joanna, Christina e Mrs. Cary tocavam em assuntos que iam além da militância missionária. A partir de tais mulheres, Mary Wardlaw buscou também abordar sutilmente aspectos relacionados à atuação feminina em vários espaços, como, na igreja, no sustento doméstico, em espaços públicos, diante do marido (postadas em pé de igualdade).

Acreditamos que um ponto que deva ser reiterado é a capacidade de reinvenção a partir das apropriações realizadas pelos leitores de obras literárias. O romance de Mary Wardlaw absolutamente não foi encerrado em seu trigésimo terceiro capítulo, apenas houve da parte da

⁴⁰ PAPASHVILY, Helen Waite. *All the happy endings*. New York: Harper & Brothes Publishers, 1956.

⁴¹ *Ibidem*, p. 105. Tradução nossa.

autora um fechamento preliminar daquilo que ela acreditava ser o “sentido da vida” para sua protagonista. Pois, como aponta Walter Benjamin, “é essa justamente a lei da forma romanesca: no momento em que o herói consegue ajudar-se, sua existência já não pode mais ajudar-nos”.⁴² Isto é, ao chegar-se a esse sentido a história “acaba”, mas acaba apenas nas letras do romancista, pois o romance tem a capacidade de permanecer em suspenso na mente do leitor que fará articulações buscando imaginar o “depois” de onde o autor encerrou sua história. Levantando questões como: Qual o destino dos personagens após aquele ponto? Quais os desfechos dos nós não desatados pela autora?

Mary Wardlaw deixa tais questões em suspenso ao encerrar sua trama com seu personagem ideal, Estrella, enquanto uma criança protestante promissora em uma nação ainda majoritariamente católica. Ou seja, seu fecho tem relação direta com seu prefácio, parte na qual a autora apresenta seu desejo em “*deepen the interest in Brazilians as fellow-beings*”.⁴³ Caso Mrs. Wardlaw tivesse sucesso em seu ensejo militante-missionário construído em ‘Candida’, caberia a partir de então aos seus compatriotas a continuidade da missão no Brasil, e assim ela poderia se considerar “*blessed above measure*”.⁴⁴

Concluimos apontando que nosso esforço se concentrou majoritariamente em um romance e em uma missionária. Mas, cremos que no campo da história das religiões há ainda uma infinidade de possibilidades de análises relacionadas a tais tipos de fontes. Estes sujeitos – as missionárias protestantes – inegavelmente necessitam ter abordados e problematizados seus passos, modos de vida e visões de mundo.

⁴² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 61.

⁴³ WARDLAW, Mary Hoge. *Candida... Op. cit.*, p. 6.

⁴⁴ *Idem*.